

Actividade profissional da mãe e escolaridade das crianças

NICOLE LANTIER-RAFALOVICH (*)

Explicar os insucessos escolares pelas características psicológicas individuais das crianças ou pelas características familiares, torna-se cada vez mais difícil, conhecendo-se o carácter massivo e socialmente selectivo das dificuldades escolares dos alunos.

Todavia, algumas ideias pré-concebidas subsistem: é assim, que ouvimos frequentemente, muitas pessoas e mesmo professores e responsáveis da Educação, dizerem que a maioria desses insucessos seriam devidos ao facto de, hoje em dia, ser cada vez maior o número de mulheres que trabalha.

Contudo, quando nos debruçamos sobre este problema, não podemos deixar de ficar vivamente impressionados pela falta de argumentos sérios e fundamentados, que permitam apoiar tal afirmação. Esta influência negativa da actividade profissional da mãe no futuro escolar da criança, é apresentada como um facto evidente, como um mal necessário que acompanha a evolução do estatuto da mulher na nossa sociedade. O que é que se passa exactamente?

Primeiro, é preciso realçar que o trabalho das mulheres não é um fenómeno recente. As estatísticas mostram mesmo que

a percentagem de mulheres activas diminuiu ligeiramente, desde o início do século: em 1906, 39% das mulheres exercem uma actividade assalariada; em 1962, 27%; e em 1974, 38,4%.

É necessário sublinhar que, se actualmente as percentagens globais de mulheres que trabalham, são idênticas às percentagens do início deste século, houve, no entanto, uma mudança no sector de actividade: desaparecimento de domésticas, de assalariadas agrícolas e aumento rápido de mulheres empregadas no sector terciário.

Por outro lado, se desde 1962, assistimos a um aumento do número de mulheres em actividade profissional, tal facto deve-se, por um lado, à evolução na educação das raparigas (sendo cada vez maior o número de jovens que recebe uma formação mais completa), por outro, ao facto de se constatar que ultimamente há um aumento do número de mulheres casadas e mães de família que retomam uma actividade profissional.

Não podemos dizer que, hoje em dia, há cada vez mais mulheres a trabalhar; no entanto, a actividade de mães com crianças é um fenómeno recente.

Pareceu-nos pois, importante analisar qual a importância da actividade profissional da mãe no futuro escolar da criança. Será

-INRP (Paris).

(*) Socióloga. Investigadora do SRERAS-

exacto dizer, como se faz comumente, que esta actividade é prejudicial para a criança?

Este trabalho, baseado nos dados estatísticos de que dispomos, consistiu em comparar a evolução escolar de crianças cujas mães trabalham, com o de crianças cujas mães não exercem qualquer actividade, e isto a três níveis de escolaridade: no último ano do infantário, na 3.^a classe do ensino primário e no 1.^o ano do ciclo preparatório.

1 — NO ÚLTIMO ANO DO INFANTÁRIO

O resultado de uma primeira investigação efectuada no CRESAS (Centre de Recherche de l'Education Spécialisée et de l'Adap-

tation Scolaire), diz respeito a uma população de 1134 crianças nascidas em 1964 e que no ano lectivo de 1969-1970 frequentavam os últimos anos de 15 infantários da região de Paris. Um dos objectivos desta investigação era determinar o papel desempenhado pelas características socio-económicas e culturais no *assinalamento* das crianças (as professoras «assinalam» crianças que lhes parecem ter dificuldades várias de adaptação)⁽¹⁾. Foi dentro deste contexto, que se analisou o *assinalamento* das crianças, relativamente à actividade ou não actividade das suas mães.

A percentagem de crianças assinaladas e cujas mães trabalham é ligeiramente inferior (24,7%) à percentagem de crianças assinaladas e cujas mães não exercem qualquer actividade profissional (28,9%).

QUADRO I

Actividade ou não actividade da mãe — assinalamento das crianças
Nível: último ano do infantário

Crianças	Mãe	Exerce actividade profissional	Não exerce actividade profissional	Total
Assinaladas	N	121	170	291
	%	24,7 %	25,9 %	25,4 %
Não assinaladas	N	367	480	847
	%	75,3 %	74,1 %	74,6 %
Total	N	488	650	1138
	%	100 %	100 %	100 %

Globalmente, não se pode afirmar que o facto da mãe exercer uma profissão coloca o filho numa posição desvantajosa. Mas, esta forma de encarar a questão — mãe que trabalha/mãe que não trabalha — parece-nos demasiado rígida. O inquérito do CRESAS tentou ter em conta este pro-

blema, em função das diversas categorias sociais, colocando deste modo a questão: o que acontece, quando a mulher de um

⁽¹⁾ E. Burguière e A. Seydoux: *École Maternelle et Milieu Familial*. Cahier du CRESAS n.º 10, 1973.

técnico superior ou de um operário trabalha fora ou fica em casa?

A actividade da mulher é analisada em função da actividade exercida pelo cônjuge (a tendência para a «hegemonia social», bastante acentuada na população francesa, leva a que, desde que a mulher exerça uma profissão, haja fortes probabilidades de que esta seja muito próxima da do marido). Também se observa, no seio das diversas categorias sociais, que a actividade da mãe não acentua a tendência para o *assinalamento* das crianças. Uma precisão merece ser feita: se a mãe está em casa, ela pode ter abandonado (momentânea ou definitivamente) uma profissão. Ora constata-se que as mães que estão em casa

e que nunca exerceram uma profissão, têm tendencialmente mais filhos assinalados do que aquelas que deixaram a sua actividade. Parece-nos pois, que o facto de uma mulher exercer uma profissão (e de ter uma qualificação) coloca o filho numa melhor situação, do ponto de vista escolar.

2 — 3.ª CLASSE DO ENSINO PRIMÁRIO

No contexto do estudo longitudinal levado a efeito pelo CRESAS, acompanhámos estas mesmas crianças e trabalhamos sobre os dados recolhidos em 1972-1973 (a diminuição dos efectivos de 1134 para 804, é o resultado do «desaparecimento» de 320

QUADRO II

Escolaridade da criança em função da actividade ou não actividade da mãe

Nível: 3.ª classe do ensino primário

Criança \ Actividade da mãe	Activa		Em casa		Total
Em atraso	46	14,3 %	107	22,3 %	153
Normal ou avançado ...	275	85,7 %	376	77,7 %	651
	321	100 %	483	100 %	804

crianças que deixaram a escola que frequentavam).

O critério considerado, para avaliar a escolaridade das crianças foi aquele que diz respeito à noção de atraso. Com efeito, sabe-se que no actual sistema de ensino, a orientação é submetida imperativamente a um factor institucional fundamental: a idade (2).

Assim, classificámos as crianças em duas categorias:

- a) Crianças normais ou adiantadas: ou seja, na população estudada, crianças que nascidas em 1964, frequentavam no ano lectivo de 1972-1973, a 3.ª classe do ensino primário ou uma classe mais adiantada.
- b) Crianças atrasadas: qualquer criança que tendo nascido em 1964, frequentava uma classe inferior à 3.ª classe do ensino primário ou uma classe especial (classe de aperfeiçoamento, de adaptação, etc...).

(2) A. Girard: «Population et l'Enseignement». PUF, 1970.

assine

ANALISE PSICOLÓGICA

Envie-nos o seu pedido de assinatura, acompanhado de um cheque ou vale de correio (600\$00 — normal, 700\$00 — instituições) emitido em nome do

**INSTITUTO SUPERIOR
DE PSICOLOGIA APLICADA**

Av. Marquês de Tomar, 33-4.ª-Esq.
— Lisboa

Envie-nos as suas sugestões e críticas. Participe na produção desta Revista.

Os primeiros resultados confirmam o que sabemos do insucesso escolar: são as crianças dos meios populares que mais frequentemente têm insucesso na escola, enquanto que as crianças dos meios favorecidos, na sua grande maioria, são bem sucedidas. Há que reparar que esta diferença já aparecia ao nível do infantário.

Globalmente, os resultados que recolhemos, indicam uma vantagem — não desprezível — a favor das crianças cujas mães trabalham (14,3 % de crianças atrasadas e cujas mães trabalham, contra 22,3 % de crianças atrasadas e cujas mães permanecem em casa).

Obtêm-se resultados muito aproximados, quando, dentro de uma mesma perspectiva, se analisa o futuro escolar das crianças ao nível de cada categoria socio-profissional. Mas, com efeito, é essencialmente em função da categoria socio-profissional dos pais, que se diferenciam os destinos escolares das crianças. A actividade ou não actividade das mães não vem senão modular estas diferenças. Por exemplo, no caso de crianças cujas mães estão em casa, encontramos 2,9 % de crianças em atraso para filhos de técnicos superiores, contra 31 % de crianças em atraso para filhos de operários: nos dois casos, a diferença é muito grande.

Assim, tudo se passa como se os filhos de mulheres activas tivessem mais possibilidades de sucesso escolar do que os outros, seja qual for o seu meio de origem. Mas, é preciso notar que este benefício é muito relativo, já que, na realidade, os filhos de mulheres que trabalham, têm tanto mais possibilidades de sucesso escolar, quanto mais elevado for o seu meio de origem.

Para aprofundar a análise, introduzimos uma nova variável: o nível do diploma da mãe, que relacionámos com a sua actividade ou não actividade. Mas isto não nos deu novas informações, o que já supunhamos, sabendo de que forma a categoria socio-profissional está intimamente ligada e condicionada pelo nível de estudos. Quanto

mais elevado é o nível do diploma da mãe, menores são as hipóteses da criança ter uma má escolaridade, quer a mãe exerça ou não uma actividade profissional.

3—NO 1.º ANO DO CICLO PREPARATÓRIO

Utilizámos um inquérito do Ministério da Educação, conhecido como *Panel d'élèves*, que pretende acompanhar até ao fim da escolaridade, um contingente de 13 945 alunos, amostra representativa de alunos ins-

critos no 1.º ano do ciclo preparatório e nas secções de educação especializada.

Iniciado em 1972-1973, não pode senão fornecer as primeiras observações que dizem respeito à situação dos alunos nas diferentes secções do 1.º ano do ciclo preparatório.

Este inquérito indica-nos o número de crianças que repetem o 1.º ano do ciclo preparatório. Em 13 510 crianças,

1 345 retem ou seja, 9,95 %
12 168 não repetem, ou seja, 90,05 %.

Vejamos como se distribuem essas repetições, conforme a mãe exerce ou não uma profissão:

QUADRO III

Actividade da mãe — Reprovação no 1.º ano do preparatório

	Mãe activa		Mãe em casa		Total
Repetentes	412	9,95 %	933	9,95 %	1 345
Não repetentes	3728	90,05 %	8437	90,05 %	12 165
	4140	100 %	9370	100 %	13 510

A percentagem de crianças repetentes é absolutamente igual, quer as mães trabalhem ou não. A influência da actividade ou não actividade da mãe aparece pois, como nula ao nível do 1.º ano do ciclo preparatório.

Os resultados que este inquérito nos fornece, tendo em conta a variável actividade-não actividade da mãe, são muito gerais, pois que não nos dão a origem socio-profissional das mesmas. Contudo, tendo em conta o que sabemos sobre o futuro escolar das crianças em relação à categoria socio-profissional dos pais, podemos formular a hipótese de que no 1.º ano do ciclo preparatório I e II (ensino longo e curto) encontraremos principalmente crianças oriundas da burguesia e de classes médias,

e no 1.º ano do ciclo preparatório III (classes de transição) encontraremos uma maioria de crianças provenientes de classes populares.

Assim se distribuem as reprovações ao nível destes três ramos do ensino preparatório:

	Mãe activa	Mãe em casa
I	34,7 %	33,2 %
II	28,6 %	30,3 %
III	26,8 %	26,2 %

Qualquer que seja o ramo considerado, as crianças filhas de mães que trabalham, não têm uma probabilidade de repetência superior às filhas de mães que não trabalham. As percentagens de repetências são, com efeito, muito próximas.

Mas, se para estas mesmas crianças, tomarmos em consideração, não só a repro-

vação no final do 1.º ano do ciclo preparatório, mas também o tipo de ensino preparatório para o qual a criança foi orientada e os relacionarmos com a actividade ou não actividade da mãe, voltamos então a encontrar a mesma tendência que já se desenhava no infantário e na 3.ª classe do ensino primário, ou seja, observamos uma ligeira

Tipo de ciclo preparatório e actividade ou não actividade da mãe

	Mãe activa		Mãe em casa		Total	
I	1758	33,3 %	3519	66,7 %	5 277	100 %
II	1713	29,9 %	4006	70,1 %	5 719	100 %
III	624	26,1 %	1764	73,9 %	2 388	100 %
	4095	30,6 %	9289	69,4 %	13 384	100 %

vantagem a favor das crianças cujas mães trabalham.

Observa-se que é no ciclo preparatório I (ensino longo) que existe uma mais elevada reprovação de crianças com mães que trabalham. Por outro lado, são as mães de crianças da III (classe de transição) que ficam em casa em maior percentagem.

Ao nível do último ano de infantário, ao nível da 3.ª classe do ensino primário e ao nível do 1.º ano do ciclo preparatório, os factos convergem e indicam-nos claramente que, no plano escolar, o trabalho da mãe não é um factor de insucesso para as crianças. Descobrimos mesmo, nestes 3 níveis, uma ligeira vantagem para as crianças cujas mães exercem uma actividade profissional. Como interpretar a ligeira diferença a favor destas últimas? Aqui, temos de ser muito prudentes e não ousaremos afirmar que estas crianças têm melhores resultados do que

as outras pelo facto de as mães trabalharem. Vimos como as coisas são bastante mais complicadas: as variáveis que tomamos em consideração, estão estreitamente ligadas entre si. O facto de a mãe exercer ou não uma actividade profissional varia segundo o seu estatuto socio-económico, demográfico, cultural, o qual pode influenciar o comportamento da família e da criança face à escola. Que sabemos nós, por exemplo, da relação mãe-criança, das reacções no seio da família, se é uma mãe pertencendo a esta ou àquela classe social, tendo esta ou aquela idade, este ou aquele número de filhos, etc., etc... que permanece em casa ou que trabalha fora?

Os resultados que retirámos da análise do material de que dispusemos, não nos permitem responder a tais questões, nem possibilitam avançar hipóteses explicativas sobre a forma como o trabalho da mãe intervé — estes resultados apenas permitem, e

isto é importante, evidenciar factos que põem em causa ideias preconcebidas.

Não se trata aqui de negar a influência da família e da mãe em particular, sobre o destino escolar dos seus filhos; é preciso contudo, afirmar convictamente, que o tra-

balho exercido pela mãe não tem um efeito negativo na escolaridade dos seus filhos: ou seja, as condições socio-económicas das famílias às quais correspondem futuros escolares opostos para as crianças, relativamente àquilo que a escola espera delas.



INSTITUTO SUPERIOR DE PSICOLOGIA APLICADA

TORNE-SE LEITOR DA BIBLIOTECA DO ISPA

(Pavilhão Escolar da Feira Popular, Av. da República, Telef. 76 87 79)

GRANDES ÁREAS TEMÁTICAS

ANTROPOLOGIA — ETOLOGIA — PSICANÁLISE — PSICOLOGIA CLÍNICA —
PSICOLOGIA DA CRIANÇA — PSICOLOGIA SOCIAL — PSICOMETRIA — PSI-
COPATOLOGIA — PSICOPEDAGOGIA — PSICOTERAPIA — SEXOLOGIA

Oferecemos as seguintes formas de acesso à documentação:

- Leitura local ou domiciliária
- Lista quinzenal de novas aquisições
- Pesquisas retrospectivas (Recuperação por temas da informação existente na Biblioteca)
- Bibliografias especializadas
- Difusão selectiva da informação (Actualização permanente em domínios bem definidos dos leitores interessados)

Para se tornar LEITOR DA BIBLIOTECA envie-nos:

- 2 fotografias
- 300\$00, que são o valor da sua quota anual
- Indicação do nome, profissão, residência, telefone e local de trabalho

e receberá dentro em breve o seu cartão de LEITOR

Horário:

Das 10.30 às 13.00 horas
Das 16.30 às 20.30 horas

Contribua para transformar a Biblioteca do ISPA num Centro de Documentação vivo e actualizado. Utilize a informação ao seu dispor. Envie sugestões e esteja atento às nossas propostas.